

Roberto Pereira Rodrigues

CONTOS

Prefácio de João de Melo



VOLUME II

GUARDADORES DE MEMÓRIAS



PLÁTANO EDITORA

ÍNDICE

- | Introdução
- | Prefácio
- | A minha rua é melho cás de vaçãs
- | Pão de milho
- | Ainda assim, a saudade
- | A Boca da Furna
- | Mais uma boca
- | Ó amigue, tirágente daqui!
- | Bolo na sertã com chicharros e molho de vilão
- | O bogango roubado
- | O Caminho do Mato
- | O noivo da Lomba da Maia
- | Um demorado aperto de mão
- | O colchão
- | Chamar para comer
- | Os petchenes tã ouvinde tude
- | Nas Sortes, sim sorte ninuma
- | O bombo
- | Perdidos
- | De repente...
- | No consulado
- | Mêvô, nhavó!
- | As tripas
- | Mulhés é pra casa
- | Caldo de feijão
- | À porta da rua
- | Os óculos
- | Um linde dum vezim
- | A vacina
- | No tribunal

- | O arraial
- | A porta de tramela
- | Um domingo feliz
- | A licença
- | As marcas
- | A semana dos nove dias
- | Ó que lindes gatins
- | O parto
- | A ida à Lua
- | Havia respête
- | Nhamã, o dêde de me pá faz xixi
- | Os carrilhos
- | A iscoalhera
- | O galim de rabeçade
- | O ti António
- | O pão p'las almas
- | É difícil esquecer
- | O dia do Crisma
- | Quim se caçara
- | O carolo
- | O lenço na cabeça
- | Nas inchas
- | A garrafa do petróleo
- | O carro do pão
- | Às escuras
- | Não sou de lugar nenhum
- | Fechar a porta
- | Nhamã querida, pã trigue é melhó pá febre cuminjecçã
- | Chêrá o cu das bufas
- | O sentido da vida
- | No serrado do milho

- | As raparigas estouvadas
- | O jogo de dominó
- | Matar o porco
- | O segredo das mulheres
- | A cadela
- | As topadas
- | Vinte escudos por dia
- | Quim morrâ foiela e foiê
- | Não é tempo perdido
- | Vamos até à Trincheira
- | Dêxá de fingi
- | Isséra dá pérolas a porques
- | O sorriso de gratidão de Manuel
- | Ê tou más doente cati
- | Na vindima, mas a cantar
- | A palmeira
- | Dous iscudes e meie
- | Vou sentir saudades
- | Pensas quê sou tole ó qui é?
- | Cada um por si
- | A porca
- | Não há outre reméde
- | O târce e as cousas da iscola
- | Bã pregade, nhamã
- | Oxalá que sim
- | Nã goste do quê tou sabende de vaçâs
- | Os grandes e os pequinines
- | É só no comptadô, nãoé de veras
- | Talvez nos falte alegria
- | Toucinho, leite coalhado e torresmos de banha
- | Faz o co tê nove mandá



A Boca da Furna

Trata-se de um túnel cavado na encosta, ali para os lados do Frade, mais para oeste, já bem distante do Calhau da Areia, o preferido e mesmo recomendado para as crianças quando procuram o mar.

O acesso à sua entrada faz-se bem mais facilmente por mar do que por terra, o que ajuda a explicar o seu permanente fascínio e mistério para todas as crianças, ainda não suficientemente habilitadas a aventuras tão arrojadas e perigosas pelo mar dentro.

Rodeia-a um íngreme e perigoso penhasco, repleto de penedos monstruosos e assustadores para os olhos inseguros e receosos das crianças, o que sempre transformou a Boca da Furna num mundo desconhecido, distante e, sobretudo, de medos sem fim.

O mar, quando bravo, ou «ruim», como sempre se disse, torna-a completamente inacessível, mesmo aos mais destemidos, já que os atiraria contra as enormes e assustadoras rochas negras, caso ignorassem os anunciados perigos e ousassem aproximar-se demasiado.

O ruído medonho e ensurdecedor das ondas a embater-lhe violentamente e a nela penetrar parecia anunciar que ali poderia começar o fim do mundo para todos aqueles que se não atemorizassem e desrespeitassem a sua inquestionada e justa autoridade, proveniente da sua afinidade com os perigos ou mesmo a morte, como foi repetido às crianças quase desde o berço.

Para as crianças, que a espreitavam, como não poderia deixar de ser, apenas do cimo da ravina circundante, bem de longe e sempre com um olhar receoso, aquele lugar parecia personificar todos os medos de que a educação de então nunca prescindia de repetidamente invocar para desencorajar atrevimentos ou ousadias excessivas.

Do seu misterioso interior provinham, como sempre se garantiu, ruídos indecifráveis e assustadores, que pareciam não resultar apenas do violento embate da fúria no mar, mesmo quando o tempo era puxado a norte, mas de algo desconhecido e terrível, a que a proximidade do cemitério parecia não ser estranha.

Esse mistério sobre o que existiria no seu escondido e inacessível interior alimentava as mais diversas e medonhas histórias contadas às ingênuas crianças, que frequentemente reproduziam entre si, sempre com condimentos novos e mais tenebrosos, tornando ainda mais assustador aquele desconhecido e remoto lugar.

— Dizim que quim entrá na Boca da Furna e fô sempre porli dentre vá saí ó cemitére. Même por baxe do lugá donde os mortes tâ interrades— disse Dinarte.

— Cá nada! Isse é mintchira. O cemitére é longe que mete mâde — negou Honorato.

— É verdade. Tu é qués mintchirose. Ê já ouvi os grandes dezerim quéla é funda que mete mâde. E qué iscura cma brei. Se calhá a furna até tá cheia dasalmas do outre munde que vam de noutche ple cemitére abaxe para virim tomá banhe ó mar — acrescentou Mariano, com a voz embargada pelo medo que aquele lugar sempre lhe provocara.

Andavam recorrentemente à volta desses medos as conversas das crianças que passavam nas suas redondezas, o que sucedia quando se deslocavam para os Cerradinhos do Mar, onde passavam os dias das férias de Verão nas intermináveis partidas de futebol.

— Dizim co pió é vi práqui nas noutches iscuras, quando o mar tivé muntche ruim e tode branque da força das inchas. Ouvim-se guinches e vozes dasalmas do outre munde que vã do cemitére e entrim plo mar dentre todas incouras. E sempre dezende pragas caté mete mâde. É de fugi — rematou Dinarte.



 Gosto

 Comentar



Gabriela Chaves: Era isso mesmo que ouvia em pequena, e nunca me deixaram tomar banho lá. Um abraço.



Corália Loureiro: Excelente descrição! Parabéns! Bj.



José Silva: Belo cantinho de Sargos.



Sofia Froes: Em pequenina ouvia a história de sair ao cemitério e, quando ia pescar com meu pai, olhava, desconfiada, como se algo me fosse buscar às pedras. O meu pai sempre dizia que aquilo era pequeno lá dentro, para não ter medo, mas ter respeito pela natureza, porque podia-se morrer ali com mar revolto.



Maria Dos Santos Ponte: Mete muito respeito este local! Eu acho que até mesmo para os mais aventureiros!



Margarida Barbosa Pacheco: Esta descrição é mesmo de arrepiar. Eu lembro-me de em miúda me levarem a ver a saída do filho do tio João «cu rachado», que morreu no Frade, e levei tamanho susto que nunca me esqueci dos pés do morto, que eram enormes lívidos. Levei muito tempo a dormir agarrada na mão da minha mãe. Não havia nada que nós crianças não víssemos. Assim fui confrontada como todos a ver a morte.



Rosário Ávila: Tal e qual!



João Alberto: Mesmo nascido e residente por muitos anos na «Achada» lololo, com muitas brincadeiras à volta deste «mistério», havia um respeito de contos e lendas. Preferia o Calhau da Areia. Está divinal a descrição. Abraço.



Arlindo Carvalho: Nunca tiveste vontade de espreitar por esse túnel?



Rosário Ávila: O medo era maior do que a curiosidade.



Dionísia Remígio: As almas iam dando cabo de mim 🤔🤔🤔



Rosário Ávila: E eu que morava lá perto?!?????!!!!?